

# PENSANDO OS FUNDAMENTOS DA ÉTICA

Tiago Adão Lara  
Filósofo

O ser humano é um ser ético. Implica isso afirmar que ele, à diferença dos outros seres da natureza, é senhor de dar rumo à própria maneira de existir, de situar-se no universo; torna-se, justamente por isso, imputável, ou seja, pode ser questionado a respeito da própria maneira de ser e agir; torna-se responsável, capaz de dar uma resposta; urgido a dá-la.

A imputabilidade e a responsabilidade, que todos admitimos, tranquilamente, no corriqueiro da vida, apontam para a aceitação, da parte de todos, de que a liberdade de escolha está dentro de um horizonte de justificativas. Não é admitido o capricho. Agiste, assim, baseado em quê, por quê?

Está colocada a questão: **Ética e seus fundamentos**, ou, dizendo de outra maneira, quais são os critérios éticos, nos quais se apóia determinado comportamento humano? A questão não se coloca para os outros seres vivos. Não se pergunta a uma árvore que fere os olhos de alguém, com os seus ramos, por que agiu assim. Não se pergunta ao cão, por que mordeu o passageiro inocente. Mordeu e pronto. Se houver perguntas a fazer, respostas a cobrar, responsabilidade a aferir, dizem respeito ao dono da árvore ou do cão.

A Ética dimensiona-se com a racionalidade. Temos de dar *razões*, justificativas da nossa maneira de ser e de agir.

Por muito tempo, na História da Humanidade, as perspectivas éticas apoiavam-se na experiência religiosa. Religião e moral andavam juntas. Princípios éticos eram princípios que brotavam da experiência religiosa e que fundamentavam códigos morais, que permitiram o surgir de convivências humanas plausíveis, possibilitaram o cultivo dos costumes, o avançar da convivência civilizada, com todas as ambigüidades inerentes às construções ou produções humanas.

Com o surgir da Filosofia e da Ciência e com o processo de secularização em ato, inicialmente no Ocidente, e, a partir dele, no mundo, a fundamentação ética sob perspectiva religiosa vai perdendo a aceitação. Aliás, a fundamentação do comportamento ético em base religiosa torna-se hoje problemática, pois a experiência religiosa é historicamente variada e, para muitos, já não constitui apelo relevante. Coloca-se, então, a questão: é possível uma Ética de valor universal?

Não é viável desenhar, aqui, um panorama abrangente do que acontece, em plano de reflexão, sobre a Ética, no mundo de hoje. Em vista disso, aprouve-me apresentar, em linhas gerais, o pensamento de Jürgen Habermas, como exemplo do que se pode pretender.

Habermas não abre mão de uma justificativa racional como fundamento de uma Ética de valor universal. Não lhe parece que a morte da Metafísica, decretada por grande parte do pensamento contemporâneo, feche caminho para tal empreendimento. Esforça-se por encontrar na imanência da linguagem humana, nas condições *a priori* que a tornam possível, a base para tal justificativa.

Afirma ele que os *atos de fala* avançam presunções de caráter necessitante e universal, sem a aceitação das quais, a ação comunicativa humana torna-se impensável, impossível. Antes de tudo, os falantes têm de presumir que o ato de fala satisfaça à exigência de inteligibilidade. Como pensar a comunicação pela fala, se *a priori* não se aceita o compromisso dos falantes com a inteligibilidade a gerar? Nos atos de fala referentes à natureza externa aos falantes, a presunção que se avança, inevitavelmente, é aquela da verdade. Se afirmo que *o céu está azul*, o lastro que possibilita a comunicação é a presunção de que minha afirmação corresponda à realidade constatável pelos participantes do ato de fala. Nos atos de fala referentes aos relacionamentos entre os próprios falantes, é de que os atos a respeito obedeçam a uma normatividade como critérios de avaliação ética. E nos atos de fala que tentam expressar a natureza interna dos falantes, seus pensamentos, seus sentimentos, suas vontades, a presunção que se avança é aquela da veracidade.

Não há para o ser humano como viver humanamente, sem conviver. E não há convivência sem presunção de um medium lingüístico, constitutivamente entretido por relações que avançam compromisso de aceitação de normas *a priori* de convivência, que é conversação.¶